



TAIWAN

Cooperação reduzida

Em retaliação à visita da congressista Nancy Pelosi, China suspende parceria com o governo dos EUA em cinco áreas, inclusive no combate às mudanças climáticas, e cancela negociações no campo militar. Casa Branca reage e convoca embaixador de Pequim em Washington

» RODRIGO CRAVEIRO

Enquanto o Exército de Libertação Popular (ELP) prosseguia com exercícios militares sem precedentes em seis pontos ao redor de Taiwan, o Ministério das Relações Exteriores da China suspendeu a cooperação com os Estados Unidos em matéria de aquecimento global, repatriação de imigrantes ilegais, assistência jurídica em assuntos criminais, e combate a crimes transnacionais e a antinarcóticos. A decisão do governo de Xi Jinping surpreendeu os EUA, que convocaram o embaixador chinês, Qin Gang, para prestar explicações.

O porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby, declarou ao jornal *The Washington Post* que autoridades da Casa Branca afirmaram a Qin que as recentes ações militares chinesas — que incluíram o disparo de mísseis sobre a principal ilha de Taiwan — foram “irresponsáveis e em desacordo com a meta de longa data dos EUA de manter a paz e a estabilidade” na região. Kirby pediu à China que interrompa as manobras bélicas e diminua os ânimos. “Os chineses podem fazer muito para reduzir as tensões cessando seus exercícios militares provocativos e baixando o tom”, disse.

O ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, anunciou que seu país “suspenderá as negociações sino-americanas

sobre a mudança climática” e cancelará um encontro entre dirigentes militares, assim como duas reuniões sobre segurança. Por sua vez, John Kerry, enviado especial do presidente John Kerry para o clima, advertiu sobre as consequências das medidas diplomáticas adotadas pela China. “A suspensão da cooperação não pune os Estados Unidos — pune o mundo, particularmente os países em desenvolvimento”, afirmou o norte-americano.

Kerry classificou com “decepcionante e equivocado” o anúncio da suspensão “unilateral” do trabalho bilateral sobre o clima. “A crise climática não é um tema bilateral, mas universal. Não se trata de geopolítica ou de ideologia. Nenhuma nação deveria impedir o progresso em questões transnacionais existenciais por causa de diferenças.”

Sanções

As retaliações à visita da presidente da Câmara dos Representantes dos EUA, Nancy Pelosi, a Taiwan foram além. Um porta-voz da chancelaria chinesa afirmou que Pequim adotou sanções contra a congressista e seus familiares, “de acordo com as leis relevantes da República Popular da China”. As medidas não foram detalhadas. Segundo o porta-voz, ao desconsiderar as graves preocupações da China, Pelosi insistiu na visita.

Hector Retamal/AFP



Navio de guerra chinês patrulha a Ilha de Pingtan, um dos pontos mais próximos de Taiwan, na província de Fujian

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, externou preocupação com o acirramento das tensões diplomáticas entre EUA e China. “Para o secretário-geral, não dá para resolver os problemas mais urgentes do mundo sem diálogo e cooperação efetiva entre os dois países”, disse o porta-voz Stéphane Dujarric.

A húngara Zsuzsa Anna Ferenczy — professora da Universidade Nacional Dong Hwa, em

Hualien (Taiwan) —, lembrou ao **Correio** que as relações entre China e Estados Unidos eram dominadas por uma “rivalidade intensa e hostil” mesmo antes da visita de Pelosi. “Pequim está ciente de que, para Washington, garantir um papel de liderança na região do Índio-Pacífico é um objetivo estratégico, algo que Pequim também deseja para si, à sua maneira. A China quer ver o seu ‘bairro’ livre da influência norte-americana e, em

vez disso, projetar o seu próprio. Nessa disputa por influência, Taiwan está no centro da competição”, explicou.

Segundo Zsuzsa, EUA e China percebem um ao outro como potências revisionistas no que diz respeito ao Estreito de Taiwan. “Pequim acusa Washington de apoiar a independência de Taiwan, algo que a Casa Branca rejeita. O governo de Joe Biden também insiste que tem o direito de cooperar com Taiwan”,

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Com base na retórica de longa data de Pequim sobre Taiwan como um tema inegociável e assunto estritamente interno, não me surpreende que a China lance mão de todas as táticas coercitivas com mais intensidade, inclusive a pressão econômica e militar. Pequim construiu toda a sua agenda de ‘rejuvenescimento nacional’ sobre a ‘reunificação’ com Taiwan, algo considerado absurdo, pois os chineses jamais governaram a ilha. Qualquer país comprometer-se com Taiwan é algo impensável para Pequim.”

Zsuzsa Anna Ferenczy, professora da Universidade Nacional Dong Hwa, em Hualien (Taiwan)

afirmou. Ela aposta que, na ausência de diálogo oficial e com os passos rumo à escalada dados pela China na região, a distância entre chineses e americanos tende a aumentar. “Eu espero uma escalada ainda maior por parte da China, que usará ampla gama de mistura e de táticas. Tudo isso é perigoso e desestabilizador. É difícil dizer o que, nesta fase, permitirá a desescalada e o retorno ao diálogo”, concluiu a especialista húngara.

ESTADOS UNIDOS

Morre ex-Pantera Negra que ficou 43 anos em solitária

O afro-americano Albert Woodfox, um ex-militante dos Panteras Negras que passou 43 anos em confinamento solitário, morreu antontem, seis anos depois de ser libertado da prisão, disse seu advogado. Como preso, Woodfox passou mais de quatro décadas sozinho em uma cela minúscula por um assassinato que sempre negou, tornando-se o símbolo

das falhas do mundo prisional norte-americano. Ele morreu, aos 75 anos, por complicações relacionadas à covid-19, afirmou seu advogado, George Kendall, à agência de notícias France-Presse.

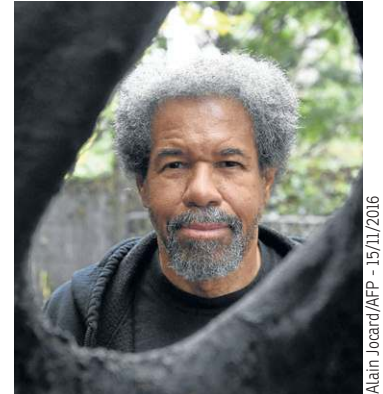
Condenado por assalto à mão armada, Albert Woodfox estava detido no Centro Correccional de Angola, uma prisão de Louisiana com péssima reputação, quando

um guarda branco foi morto durante um motim. Acusado pelo assassinato, apesar de ter negado, foi colocado em confinamento solitário em 1972, assim como dois outros prisioneiros, Herman Wallace e Robert King. Os três homens eram então membros dos Panteras Negras, um movimento radical contra a discriminação racial nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos.

Apelidados de “os três de Angola”, permaneceram detidos em isolamento por décadas, apesar das campanhas em seu nome, especialmente da Anistia Internacional. Robert King foi libertado em 2001, e Herman Wallace em 2013, mas morreu três dias depois de câncer. Albert Woodfox foi libertado em 2016.

A detenção solitária é o equivalente a ficar sozinho em uma

pequena cela 23 horas por dia. Atualmente, existem cerca de 80 mil presos nessa situação, muitos das campanhas em seu nome, especialmente da Anistia Internacional consideram o tratamento de sumano. Vários estudos mostram que privar uma pessoa de estímulo visual, interação, luz natural ou atividade física pode alterar a estrutura de seu cérebro em poucos dias.



Albert Woodfox foi punido por assassinato que sempre negou

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Nunca antes nesse país...

Começa amanhã uma experiência política absolutamente nova para a Colômbia, com a posse do primeiro presidente eleito pela esquerda. Gustavo Petro começou a vida política pela via das armas, como guerrilheiro do Movimento 19 de Abril (M-19). Era uma formação atípica, num país onde a violência foi endêmica ao longo de dois séculos de vida independente e republicana, com surtos de rara ferocidade. Em um deles, entre os anos 1960 e o fim da década passada, o M-19, de viés nacionalista, destoava das guerrilhas de inspiração diretamente marxista, como Farc e ELN.

Petro foi um dos artífices da desmobilização do grupo, selada em 1991, com um acordo pelo qual o presidente César Gaviria convocou uma Constituinte e outorgou certo número de cadeira aos ex-rebeldes. Foram necessárias três

décadas arriscando a vida na busca de espaços até a esquerda civil chegar ao ponto de apresentar uma candidatura viável e conduzir uma campanha vitoriosa para, finalmente, conquistar a Casa de Nariño.

Pela perspectiva da diplomacia brasileira e dos vizinhos sul-americanos, a virada na Colômbia tem desdobramentos que se potencializam com a presença de outros governantes alinhados com a esquerda. O cenário da região fica agora dependente, em grande medida, do desfecho da eleição de outubro e da definição de quem estará no Planalto a partir de 2023.

Pré-estreia

Se serve como indicação do quanto a chegada de Petro pode redesenhar as relações nas

vizinhanças, vale observar com atenção um movimento capital que antecedeu a posse. Alvaro Leyva, o chanceler escolhido pelo novo presidente colombiano, visitou Caracas nesta semana. Reuniu-se com o colega venezuelano, Carlos Faria, e com o presidente Nicolás Maduro.

No período mais agudo do conflito armado entre o Estado e as guerrilhas, em especial as Farc, a fronteira entre os dois países foi foco recorrente de crises. Desde a ascensão de Hugo Chávez, repetiram-se acusações partidas de Bogotá sobre a utilização do território venezuelano como refúgio para combatentes irregulares. No período em que a Colômbia foi governada por Álvaro Uribe (2002-2010) as tensões se acirram ao grau máximo, inclusive pelas incursões de formações paramilitares colombianas para além da divisa.

Três para lá...

Apenas três anos atrás, no início de 2019, os governos direitistas de Brasil, Colômbia e Chile formaram o tripé de apoio à

frustrada autoproclamação do político opositor Juan Guaidó como “presidente interino” da Venezuela. Jair Bolsonaro, Ivan Duque e Sebastián Piñera, respectivamente, foram também os articuladores de uma iniciativa destinada a substituir a Unasul, criada em meados dos anos 2000 sob a batuta de Lula, Hugo Chávez e do colega argentino, Néstor Kirchner.

...três para cá?

Com a posse de Gustavo Petro, o que se ensaia é um triângulo invertido. No Chile, é o esquerdista Gabriel Boric quem ocupa o Palácio de La Moneda — o mesmo onde, em 1973, o socialista Salvador Allende morreu resistindo ao bombardeio pela Força Aérea, imagem inapagável do golpe que deu início a duas décadas de ditadura do general Augusto Pinochet.

Agora, a expectativa é pelo possível retorno de Lula ao Planalto. Reforçado por governos de esquerda na Argentina e na

Bolívia, o eixo Brasil-Colômbia-Chile se perfilaria, em 2023, como núcleo para o relançamento da Unasul e a retomada de uma iniciativa de integração que busca construir na região um espaço próprio, alternativo ao enquadramento na geopolítica dos EUA para aquele que considera o seu “quintal”.

Jogo combinado

Para o Brasil, a recomposição de forças pode ter impacto, em particular, na fronteira amazônica, cuja vulnerabilidade foi exposta pelo assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips. O episódio deixou evidente a presença enraizada do crime organizado, em múltiplas variantes que se entrosam e se combinam para explorar a ausência das forças de Estado: garimpo e extração de madeira ilegais, tráfico de drogas, armas e animais silvestres.

Do lado oposto, a coordenação de ações esbarrou historicamente nos desencontros entre

os governos de Brasil, Colômbia, Venezuela e Peru. Durante cinco décadas, o conflito armado colombiano atuou como fator de desestabilização das relações entre os vizinhos. A presença da guerrilha chegou a ser considerada empecilho incontornável para o combate ao narcotráfico.

Hoje, passados seis anos desde o acordo de paz com as Farc, e mais de 30 desde a virtual liquidação do Sendero Luminoso, no Peru, a Amazônia brasileira continua crescendo de importância na geopolítica da droga. É rota significativa para escoar cocaína com destino à Europa, via Caribe ou África, assim como para abastecer o mercado brasileiro — o segundo maior do mundo, atrás apenas dos EUA (ou o terceiro, caso se tomem os europeus como um bloco).

Atuando de maneira concertada, em lugar apontar o dedo uns para os outros, os governos da região têm a chance de se contrapor ao crime organizado com a própria articulação.